



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 66

Lugar nenhum

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Existe uma certa mística em torno do dia 29 de fevereiro, né? Tem gente que considera ele um dia de sorte... E tem gente que considera ele um dia meio estranho. Tem gente que se sente especial por ter nascido nessa data, e até faz aquelas piadinhas falando que só envelhece a cada quatro anos. Mas tem gente que se sente meio perdida, como se tivesse sido esquecida pra fora do calendário.

Tem gente que nasce no dia 29 de fevereiro e aí, quando não é ano bissexto, comemora no dia 28. Outras pessoas preferem comemorar no dia 1o de março, sei lá, pra não queimar largada.

Eu também já ouvi falar de gente que celebra bem na virada de um dia pro outro, e de gente que segue uma estratégia assim: se nasceu no dia 29 antes do meio-dia, comemora no 28. Se nasceu depois do meio-dia, comemora no 1o de março. Pronto. (Aliás, se hoje é o seu aniversário, parabéns.)

Eu acho que, no fim das contas, o que esse dia tem de diferente é que ele é o único que existe e, ao mesmo tempo, não existe. A gente até fez um teste aqui no nosso

calendário do Google. A gente criou um compromisso recorrente, um evento que se repete todo mês, sempre no dia 29.

Nesse ano, o compromisso aparece lá, bonitinho, todo santo mês. E a gente achou que quando pulasse pro ano que vem, 2025, que o compromisso de 29 de fevereiro ia ser passado automaticamente pro dia 28 ou pro dia 1o de março. Mas não. Nada. O compromisso simplesmente some. Ele cai num vazio. Se fosse uma coisa importante, você teria esquecido. Afinal, falha sua por ter marcado um compromisso num dia que não existe. Pelo menos não naquele ano. E não na maioria dos anos. Quem diria que uma estratégia criada pra ajustar a maneira que a gente organiza a vida humana na Terra, quem diria que isso ia gerar tanta crise existencial.

O episódio dessa semana traz uma história que acontece muito mais do que só no dia 29 de fevereiro. Mas, assim como essa data, esse tipo de história muitas vezes cai no vazio. Porque tem a ver com uma situação e com um sentimento que também não são muito bem acolhidos nos costumes e nas regras que a gente criou enquanto sociedade. Quem conta é a Bia Guimarães.

E um aviso: essa história trata de um tema sensível relacionado à gravidez.

Bia Guimarães: Vou te ser sincera, o meu desejo seria da gente conversar sobre tudo o que aconteceu. Mas eu queria também te perguntar sobre o que que você topa falar, se você topa...

Eliza: Bia, eu acho que quando eu decidi fazer um filme sobre esse momento, que foi o momento mais triste que eu tive, foi porque eu entendi que é algo que acontece muito e que poucas pessoas conseguem falar sobre isso. Então eu topo falar sobre o que você achar importante aqui, entendendo que essa minha fala é pra ser abraço em pessoas, né, tipo... deve ter muita gente que escuta a Rádio Novelo que passou por isso e que se sente muito sozinha, como eu me senti quando eu passei.

Bia Guimarães: Pra você, então, quando que começa essa história? E como?

Eliza: Nossa, essa história começa acho que quando eu nasci [ri], quando eu estava no útero da minha mãe, talvez né?

Bia Guimarães: Por muito tempo, desde o começo da vida adulta, a Eliza se perguntava se ela queria ou não ser mãe. Tinha hora que a resposta pendia um pouco mais pro sim, e tinha hora que pendia mais pro não.

Eliza: Eu gosto muito da minha vida, da liberdade que eu tenho com o meu tempo, né.

Bia Guimarães: A Eliza é a Eliza Capai. Ela é documentarista e vive viajando de um canto pro outro, mergulhando de cabeça em projetos que duram meses, anos.

Os trabalhos dela falam muito de conflitos sociais, de gênero... Talvez você conheça o documentário "Espero tua re(volta)", que ela lançou em 2019, sobre o movimento de ocupação das escolas em São Paulo. Ou talvez você tenha assistido a série que ela dirigiu sobre a Elize Matsunaga, que saiu em 2021 na Netflix.

Mas voltando praquela pergunta que ia e voltava dentro da cabeça da Eliza.

Eliza: Enfim, eu fui pensando, até que chegou um momento em que eu falei "cara, eu acho que é meio desperdício eu passar por essa existência e não provar essa grande aventura que é a maternidade".

Bia Guimarães: Aí a resposta pendeu pro sim... e ficou.

Eliza: Eu estava morando junto com um namorado que eu acho uma pessoa maravilhosa que seria um bom pai. Alguém que tem o que ensinar com as coisas da vida, que eu acho muito bonito. E aí a gente começou a conversar sobre isso, e aí eu fui me chegando perto dos 40, eu falei "caralho, tô chegando. Vamos lá, queridona, você quer ter filho biológico? Tira esse DIU agora, né?"

Bia Guimarães: Isso aconteceu quatro anos atrás.

Eliza: Conversei com o João, não era o momento dele, mas ele falou: "se chegou a sua hora, vambora".

João: Foi um ano especialmente complexo para toda a humanidade, diria eu, que foi o ano de 2020.

Bia Guimarães: Esse é o João Pina. Ele é português, como você deve ter percebido. E, assim como a Eliza, ele trabalha documentando a vida, e as questões políticas e sociais, em imagens. Só que, no caso dele, são imagens paradas. Ele é fotodocumentarista.

João: E para mim foi um ano hiper complexo, porque o meu pai tinha acabado de falecer. O meu pai morreu em fevereiro de 2020. E portanto, obviamente, eu estava neste processo de luto. Mas já tínhamos começado uma conversa de eventualmente começarmos a tentar...

Bia Guimarães: Era por volta de março/abril de 2020, os primeiros meses de pandemia, quando a Eliza e o João começaram a tentar engravidar.

Eliza: A minha irmã estava grávida, estava grávida do meu primeiro sobrinho. E eu lembro que todo dia ela ficava "e aí já fez o teste? Já está grávida, está grávida? Vão ser os priminhos gêmeos?". Eu não conseguia fazer o teste que eu falei: "cara, eu quero continuar com a sensação de que eu estou grávida. Se eu fizer o teste e eu não tiver grávida, eu vou ficar chateada. Então deixa eu ir vivendo esse momento, curtindo essa possível gravidez".

Bia Guimarães: Mas não, não era só uma "possível gravidez". No começo de maio, ela fez o teste, e deu positivo.

Eliza: E eu fiquei muito... muito emocionada. Muito feliz, assim, né. E é muito interessante, assim como... acho que tem um lugar que o filho nasce naquele momento, né? Naquele momento você fala "cara, está dentro de mim, estou fabricando um ser humano". E aí você começa a sonhar com quem vai ser essa pessoa, né.

João: Passamos a sonhar muito e começamos a dar um nome que como aí no Brasil há a história de que todos os portugueses se chamam Manuel ou se chamam Joaquim, nós, na brincadeira, começamos a chamar ao feto Manelinho ou Manuelzinho [ri].

Bia Guimarães: O Manuelzinho começou a fazer parte dos planos deles. Como ia ficar a rotina deles com um bebê, e depois uma criança? Onde eles iam morar? Qual ia ser a carinha dele, o jeito? Como será que ia tá a pandemia, e o Brasil, e Portugal, quando ele nascesse?

E assim como a maioria das pessoas que tão esperando um bebê, eles começaram a registrar esse período de espera. Não com aqueles ensaios de fotos super produzidos, ou com aqueles vídeos da família descobrindo o sexo do bebê. Eles começaram a registrar tudo isso do jeito deles. Do jeito como eles tão acostumados a olhar e capturar o mundo, pelo cotidiano.

Eliza: Então eu comecei a montar o tripé e eu ia fazendo minha vida normal, assim, tipo, eu esquecia que a câmera estava ali.

Eliza: Vida de casal grávido no apocalipse.

Eliza: O que tem de imagem de eu comendo, arrotando e dormindo [ri], é tipo assim, aquela coisa de grávida. Eu ficava imaginando que eu ia guardar aquilo, algum dia, quando o meu filho fosse grande, a gente ia falar "olha lá a sua mãe arrotando e dormindo aqui". E a gente ia falar, "dá para acreditar? você estava na minha barriga". Sei lá, era uma coisa, era um registro caseiro igual tem algum álbum de foto. Por que a gente faz álbum de foto?

Bia Guimarães: No meio desse álbum de recordações, tem a Eliza passando café num dia normal. Tem o João trabalhando no computador, ou mexendo em negativos de fotos... Ele fazendo graça pra câmera... Ela lendo no celular as notícias sobre a pandemia, as mortes, o governo Bolsonaro...

E tem muitas cenas da Eliza descobrindo aquele novo corpo dela. Ela dança na sala... Se olha no espelho... E passa a mão na barriga, que já tava crescendo naqueles primeiros meses de gravidez.

Eliza: Eu sempre achei muito lindo mulher grávida, assim, tipo, muito... é o lugar da deusa, do lugar da vida. E aí tinha um lado que eu me sentia muito plena assim dentro de mim. Eu lembro daqueles sonos que eu comia e dormia. Era um negócio muito de escutar meu próprio corpo, que era muito gostoso. Mas meu corpo sempre me deu sinais de que algo não estava bem. E eu nunca sabia se era medo ou se era intuição. Se era apenas ele reagindo biologicamente ali, que estava tudo certo, ou se tinha indício de algum problema. E no início da gestação eu comecei a ter sangramento. E eu conversei com a ginecologista, ela falou: "olha, super normal ter sangramento". Eu tinha alguns miomas e os miomas estavam crescendo muito, por conta do estrogênio que sobe na gravidez. Ela falou: "nesse caso, especialmente com mioma, é muito normal. A maioria das gestações que tem sangramento, não tem problema, é só ter um pouco de paciência agora, usar progesterona. Porque aí a progesterona dá uma, dá uma segurada nisso".

Bia Guimarães: Era só ter paciência, e progesterona. Não tinha com o que se preocupar.

Eliza: E a gravidez começou a se desenvolver de uma forma médica que parecia muito perfeita. Estava crescendo dentro do tamanho, estava o coraçõzinho batendo...

Bia Guimarães: A Eliza sempre gostou de sonhos. De pensar neles, entender como eles funcionam... E a gravidez é um momento em que os sonhos – e os pesadelos – ficam ainda mais intensos. Em parte por causa das inseguranças que batem na porta, e outra parte por causa dos hormônios que tãõ em ebulição. E um dia ela teve um sonho que mexeu muito com ela.

Eliza: E aí eu tive um sonho que eu entrava no mar, era um mar muito lindo. Tinha um cara brincando com uma criancinha – e aquela loucura de sonho, porque a criancinha era só uma cabeça, mas no sonho era normal, né? E eu pegava essa, esse menininho, e a gente brincava assim no mar de eu jogar, jogar ele pra cima e pegar embaixo d'água. E aí ficava gostosa a brincadeira, a gente ficava se olhando e rindo muito assim. E aí quando eu fui segurar ele embaixo da água, essa cabeça escorregou da minha mão e aí abriu como se fosse uma imagem de ultrassom assim, ficou, fez um abismo no mar e a cabeça caiu nesse abismo de ultrassom. E eu acordei muito assustada.

[Incompatível com a vida]

Eliza: Credo [boceja].

Bia Guimarães: Num álbum de recordações comum, as incertezas e os medos geralmente ficam de fora. Nas fotos, tem só os momentos felizes, o lado bonito dessa espera. Mas no álbum da Eliza e do João cabia tudo isso.

João: Mas por que que tu choras?

Eliza: Não tem motivo na maioria das vezes, só dá uma vontade de chorar. Acho que tem a ver com medo também, né. De não saber se o bichinho tá saudável, se não tá saudável.

João: Mas claro que está saudável.

Eliza: Que?

João: Claro que está saudável.

Eliza: Como você sabe?

João: Porque na ecografia tem batimento cardíaco, tem o tamanho que devia ter...

Eliza: Porra, é muito doido, saber que tem uma vida dentro de mim e que eu não tenho controle nenhum disso. Que é óbvio que a maternidade é isso também. Acho que é uma preparação mental pro que é. Mas é... não sei...

Bia Guimarães: O primeiro trimestre é um dos períodos mais difíceis e delicados da gestação. Se por um lado ainda não tem o desconforto da barriga grandona e a ansiedade dos preparativos do parto, por outro, é a fase mais essencial do desenvolvimento do feto.

(E só abrindo um parêntesis aqui. Em teoria, na linguagem médica, o feto só vira bebê depois que nasce. E "feto" é a palavra mais adequada quando a gente tá falando de uma gravidez indesejada e da escolha de abortar. Mas quando a gravidez é desejada, a gente muitas vezes usa a palavra "bebê" mesmo antes do feto chegar ao mundo, né? Justamente por causa daquilo que a Eliza e o João falaram, de que esse serzinho já começa a existir nos planos e nos sonhos da família. É por isso que, em alguns momentos dessa história, eu vou usar a palavra "bebê" pra falar do Manuelzinho.)

Bom, eu tava falando da delicadeza do primeiro trimestre. A cada dia os órgãos, os tecidos, a cabecinha e os membros vão ganhando a forma que eles devem ter, só que numa escala bem pequenininha. Tudo isso enquanto a mãe tá ali cheia de enjojo, de sono, de cansaço... e de medo. Porque essa também é a fase em que mais coisas podem dar errado, e em que a chance de um aborto espontâneo é maior.

Na passagem do primeiro pro segundo trimestre – por volta das 12 ou 13 semanas de gestação –, os médicos geralmente fazem um ultrassom morfológico pra ver se tá tudo indo bem, se a estrutura do bebê tá se desenvolvendo como deveria, e se existem pistas de uma possível síndrome cromossômica, como a Síndrome de Down. E a vontade da Eliza era de dormir e só acordar quando essa fase toda tivesse passado.

Eliza: Queria, tipo, dormir, acordar e já estar de 14. Poder curtir...

Bia Guimarães: Mas enquanto isso, tinha um monte de coisa acontecendo fora do corpo dela. Ela e o João tinham decidido se mudar pra Portugal. Mudar de país é

sempre difícil. Mas mudar de país grávida, com pandemia rolando e fronteiras se fechando, era mais difícil ainda.

O João foi na frente. E, um dia antes da Eliza pegar o voo, ela foi fazer um ultrassom morfológico.

Eliza: E aí afastou qualquer síndrome. Eu fiquei muito relaxada. O médico só falou "ah, por conta dos miomas, eu não estou conseguindo ver direito a cabecinha dele, está muito pequenininha. Quando chegar nas 14 semanas faz isso.

Bia Guimarães: O médico falou pra ela fazer outro ultrassom mais pra frente, em Portugal mesmo.

Eliza: Aí completou, cheguei no quarto mês, aí foi aquele momento que você avisa pro chefe, que eu comecei a abrir a história.

Bia Guimarães: A Eliza contou pro chefe dela que ela tava grávida, e no dia seguinte ela foi fazer mais um ultrassom. O João teve que ficar esperando do lado de fora, por causa dos protocolos de covid.

Eliza: E era uma médica e uma assistente. E aí começou a ficar longo o ultrassom, sabe? Ela só olhava e falava, "ai, coitadinho do bebê, com esse mioma tão grande, tá espremido". Na quarta vez que ela repetiu, eu falei: "gente"... Comecei a ficar muito angustiada com aquilo, ela começou a ficar muito em silêncio... cochichar com a assistente. Aí perguntou se eu morava perto... o que é que eu ia fazer no dia seguinte, era o último horário de ultrassom. E aí falei: "o que está acontecendo?". Ela falou: "não, não, não tô conseguindo ver direito". Eu falei: "o que é que está acontecendo?" Ela: "é a cabecinha". Aí eu, pronto, eu desmontei a chorar.

Bia Guimarães: "É a cabecinha".

Naquele sonho que a Eliza teve, ela tava no mar e brincava de jogar pra cima e pegar de volta a cabeça de um menininho. Até que uma hora a cabeça escapava das mãos dela e caía na escuridão de um abismo. Um abismo que parecia um ultrassom. Agora ela tava ali, numa sala de ultrassom, ouvindo a médica dizer que podia ter algo de errado com a cabecinha do bebê. Mas falaram que ainda não dava pra fechar um laudo. Outros médicos precisavam olhar o exame pra ter certeza. Quando ela saiu da sala e encontrou o João, ela nem precisou falar nada. Tava nos olhos dela.

João: Lembro-me muito bem da Eliza a sair e, claro, já lavada em lágrimas, em saber que havia um problema, mas que não se sabia em definitivo o que é que era, e portanto era preciso voltar no dia seguinte.

Eliza: E eu lembro que essa noite eu liguei – enfim, cheguei, liguei para minha mãe, aquela coisa que – muito forte como nessa hora vem uma conexão aí da maternidade mesmo. A gente desmontou junto, eu desmontei com o João. E eu lembro de dormir meio que – sei lá, eu sou agnóstica, mas nessas horas a gente, todo mundo vira crente, né – e aí eu comecei a rezar, de tipo falar "por favor, que seja zero ou 100%. Não me venha com uns 70% de chance de". Sabe? Uma coisa que me colocaria numa situação de escolha, assim. E no dia seguinte, no primeiro horário, a gente tinha esse ultrassom, que foi uma cena que se fosse num filme eu ia achar que é exagerada, porque tinham três médicos. A gente negociou do João poder entrar no final para escutar o que era. Enquanto eu estava deitada, eles... tinha aquele aparelho na minha barriga. Eles olhavam pra TV e parecia que eu – aquele corpo que estava ali deitado – não tinha nenhuma conexão com aquela imagem que estava sendo vista. E eles ficaram discutindo entre eles, não me dirigiam a palavra, eram rudes, assim, no tratamento. Quando o João entrou, eles colocaram o João num lugar que eles ficavam de costas para mim e falavam para ele...

Bia Guimarães: Os médicos confirmaram aquele medo que tava pairando no ar. Eles falaram que, de fato, tinha algo de errado com a cabecinha do bebê. Era uma má formação chamada encefalocele, que é quando a estrutura do crânio não fecha da maneira como deveria. E aí uma parte do tecido do cérebro pode vazar por esse buraquinho, pra fora da cabeça.

Dependendo de onde e como tá esse buraquinho, e de qual parte do cérebro vai ser afetada, as consequências são maiores ou menores. No caso daquele feto – do bebê da Eliza e do João – o buraquinho tava na parte da frente, na testa, um pouco acima do nariz.

Eliza: Essa parte da frente do cérebro realmente vazam as coisas que não podem... as partes do cérebro que não permitem a vida, né.

Bia Guimarães: As partes que não permitem a vida. O Manuelzinho, que já tava tão vivo nos planos da Eliza e do João, tinha uma condição incompatível com a vida.

Os médicos disseram que a Eliza provavelmente teria um aborto espontâneo por volta do sétimo ou do oitavo mês de gestação. Ou que talvez o filho dela chegasse a nascer com vida, mas que ele viveria só por alguns minutos, talvez algumas horas.

Nem todo mundo concorda com o uso desse termo, "incompatível com a vida". E existem vários debates sobre quais síndromes devem fazer parte desse guarda-chuva ou não.

Algumas pessoas vão dizer que mesmo que um bebê viva só por alguns minutos ou horas, que isso já seria suficiente pra gente dizer que ele teve uma vida fora do útero da mãe. Outras pessoas vão colocar o foco nos raros casos em que a criança sobrevive por mais tempo, por anos até. Mesmo que esses anos se passem dentro de um hospital, com a ajuda de aparelhos.

Eliza: Eu respeito muito como cada pessoa vê essa situação e especialmente como cada mãe ou cada pai que recebem esse diagnóstico sentem isso. O meu sentimento é que uma vida em que a pessoa não possa experimentar alegria, não possa experimentar curiosidade, não é uma vida. Então, assim, naquele momento, eu entendi que meu filho jamais seria o que eu considero ser uma vida... fora do meu útero, né.

Bia Guimarães: Na noite antes do laudo final, a Eliza tinha rezado pedindo pra não ter que passar por uma situação de encruzilhada. Dessas em que é preciso fazer uma escolha muito difícil e não dá nem pra saber por onde começar.

O pedido deu certo. Porque depois de ouvir o diagnóstico dos médicos, de conversar sobre as perspectivas da gestação e de pesquisar sobre esse assunto na internet, ela tava segura de qual caminho tomar.

Eliza: Que eu não achava justo com aquela pessoa – que eu já amava tanto e que eu desejava tanto que existisse – colocá-la pra fora da minha barriga com vida. Entendendo que seria uma vida de – nos poucos instantes que estivesse no mundo – uma vida de tubos, né. Uma vida de ser entubado para conseguir respirar, ser entubado para conseguir comer, ser entubado para evacuar.

Bia Guimarães: A orientação dos próprios médicos era que a Eliza interrompesse a gravidez.

Eliza: E eu não tive dúvidas de que, por amor a ele, em primeiro lugar, e por amor à vida, à vida como um todo, que não era justo ele passar por esse sofrimento.

Bia Guimarães: Lá em Portugal, o aborto é legalizado até a décima semana de gestação. A Eliza já tava de 14 semanas, mas o caso dela caía no que eles

chamam de "interrupção médica da gravidez". Que nada mais é do que a possibilidade de aborto pros casos de doença grave ou má formação do feto.

A própria maternidade pública onde ela tava sendo atendida encaminhou todo o processo pra ela conseguir fazer essa interrupção. Primeiro os exames dela tinham que passar pela avaliação de uma junta médica. Aí era esperar o aval deles e marcar o procedimento..

Esse trâmite durou duas semanas. O que pode até não parecer muito no mundo das burocracias e das consultas médicas. Mas, pra quem tá esperando, é, sim, muito.

João: E essas duas semanas foram um período muito, muito, muito longo e muito, muito difícil. Cada dia contava como se fosse um ano.

Bia Guimarães: Nesse meio-tempo, era como se a Eliza tivesse e não tivesse grávida. A barriga tava ali, e eles tavam esperando a hora do Manuelzinho sair de dentro dela. Mas não do jeito como eles tinham sonhado.

João: E eu lembro muito desse peso. Eu lembro muito desse peso em mim, lembro-me sobretudo desse peso na Eliza, que tinha dentro dela um ser – ou um projeto de um ser – que sabia que não ia, que não era compatível com a vida nem com uma vida digna. E prolongar isso por mais um dia, era uma era de fato muito pesado.

Eliza: Eu senti realmente o tal do abismo lá do sonho. Eu senti que eu caí dentro de um abismo que eu não entendia até onde que ele ia, era muito escuro. E eu falei: "Não acredito que dá pra ficar tão triste por um feto de – naquela hora, naquele momento – de 14 semanas". Eu achei muito desproporcional o que eu estava sentindo com o que era. Eu fiquei muito me julgando por estar tão triste.

Bia Guimarães: Se a Eliza e o João não fossem um casal de documentaristas, se eles fossem só um casal que teve a ideia de gravar a gravidez, eles provavelmente teriam desistido do registro ali. Se eles tivessem documentando a gravidez de outro casal, eles provavelmente teriam decidido desligar a câmera ali também. Mas, pra eles, o mais natural era continuar apertando o REC.

[Incompatível com a vida]

João: As pessoas tendencialmente acham que o mal só acontece aos outros. O mal ou as coisas que consideramos que sejam más. E se há uma coisa que eu aprendi, ou que tenho aprendido, é que eu passo a vida a contar a histórias normalmente do mal. E que as coisas não acontecem só aos outros.

Eliza: Total. Eu tenho pensado muito em... por que que as pessoas aceitam que a gente registre elas na hora da dor, sabe. Eu não deixaria nenhuma outra pessoa gravar a gente agora... Você tá processando?

João: Tô. Tô...

Eliza: Nós dois trabalhamos observando as vidas alheias, muitas vezes observando a dor alheia. É a nossa forma de conseguir entender por que que esses sentimentos existem, por que a sociedade se organiza dessa forma... Como que o ser humano reage quando algumas coisas acontecem. Então a gente estava fazendo com a gente o que a gente faz com os outros. Era a nossa forma terapêutica de lidar com aquela situação que a gente estava vivendo. Era tipo: "não sei o que fazer: grava", "não sei o que fazer: fica olhando. Fica olhando até a gente entender o que se faz aqui".

Bia Guimarães: Depois daquelas duas semanas sem fim, chegou a hora de interromper a gestação. Deram pra pra Eliza um medicamento pra induzir o aborto, e avisaram que ela ia sentir as contrações e as dores como num trabalho de parto mesmo. E que quando a dor chegasse num nível muito intenso, praticamente insuportável, era hora de ir pro hospital pra terminar o procedimento.

Nos vídeos, a gente vê a Eliza em casa, na cama, tentando achar alguma posição pra aliviar a dor. E o João ali do lado, tentando confortar ela de algum jeito. Depois ela senta no chão do box, com o chuveiro ligado. Ela chora, às vezes canta, às vezes grita. E também fala com a barriga. E diz pro Manuel que ele pode sair.

No hospital, depois do parto, a enfermeira perguntou se eles queriam ver o feto. A Eliza já tinha recebido o conselho de que era melhor ver ele, sim. Pra ajudar a processar melhor tudo o que aconteceu.

Ela ainda tava meio dopada de remédios pra dor quando recebeu ele nas mãos, enrolado num paninho. Naquela hora, parecia que ela era a única pessoa no mundo sentindo aquela tristeza. Mas não era. Conforme a Eliza ia conversando com uma amiga aqui, outra ali, ela foi ouvindo histórias que antes não chamavam a atenção dela, mas que tavam escondidas por toda parte.

Eliza: E aí eu fui entendendo que, ao meu redor, muita gente tinha estado naquele abismo sozinha.

Bia Guimarães: Ela soube de conhecidas dela ou de amigas de amigas que já tinham vivido situações parecidas. Mulheres que queriam muito ficar grávidas, que

comemoraram o teste positivo, que traçaram mil planos e sonhos, e depois perderam o bebê. Ou que tiveram que interromper uma gestação que era desejada.

E ela lembrou de ter dito coisas no passado que ela jamais diria agora pra "consolar" essas mulheres. Coisas do tipo: "vai ficar tudo bem, daqui a pouco você engravida de novo".

No fundo desse abismo que a Eliza agora tava conhecendo de perto, ela deu de cara com um tipo de luto que não tem muito lugar no mundo. É um luto por alguém que ninguém conheceu. Um luto que, no geral, não tem nem velório, nem enterro. Não tem "meus pêsames" nem "sinto muito". Um luto que muitas vezes fica entre quatro paredes. Que muita gente nem diz que viveu ou que tá vivendo.

O que tem um pouco a ver com aquele costume de só contar pras pessoas que você tá grávida depois do terceiro mês, né? Quando a gestação já tá mais "garantida" – já que no primeiro trimestre o risco da perda é maior. É como se antes disso não "valesse a pena" dar a notícia.

Eliza: E aí a gente está poupando quem de não contar, sabe? Porque nessa hora a gente precisa de apoio. Eu acho que é muito importante falar desde sempre, se é uma gravidez desejada, sabe? Porque aí, se der ruim, você chega e fala: "lembra que eu estava grávida? Então, não estou mais, tô mal. Estou precisando tirar o dia hoje para ficar dormindo, chorando". Ou: "tô precisando de um abraço".

Bia Guimarães: A Eliza se identificava em muitos pontos com essas histórias que ela foi ouvindo aqui e ali – sobre pessoas que tinham cruzado com um diagnóstico de incompatibilidade com a vida e se viram caindo no mesmo abismo que ela. Mas tinha uma coisa que tornava a experiência dela muito diferente das outras.

Pelo simples fato de que essas outras histórias tinham acontecido aqui no Brasil. E, a dela, em Portugal. Lembra que os próprios médicos aconselharam a Eliza a interromper a gestação? Então... aqui, a história teria sido muito diferente.

No Brasil, o aborto só é permitido em caso de estupro, de risco de morte pra gestante ou de anencefalia, que é quando o feto não tem uma parte do cérebro ou da calota craniana. Esse também é um diagnóstico de incompatibilidade com a vida, e é o único que a nossa lei aceita. Todas as outras síndromes e malformações – tipo a encefalocele, do bebê da Eliza – ficam de fora. Se a história da Eliza tivesse se passado aqui no Brasil, ela teria algumas opções – se é que dá pra chamar assim.

A primeira seria seguir com a gestação. Ou seja, viver aquelas semanas, e depois meses, com a barriga crescendo, as pessoas perguntando sobre o bebê... Até acontecer um aborto espontâneo ou até o bebê nascer, e viver alguns poucos minutos ou algumas horas. Pra muitas famílias, esse é o caminho que faz mais sentido. Mas pra Eliza e pro João, isso era inimaginável.

A segunda opção seria entrar na Justiça pra tentar conseguir uma autorização pra interromper a gravidez. O que pode ser um caminho demorado, difícil e incerto. Porque depois de mostrar os ultrassons, o laudo psicológico da gestante, de juntar estudos e precedentes que ajudem a apoiar essa decisão, ela ainda teria que ter a sorte de cair com um juiz que fosse favorável ao caso dela.

E a terceira opção seria fazer um aborto clandestino, sem nenhuma garantia de segurança. Que é a solução que muitas mulheres encontram, na falta de uma lei que defenda e proteja a vida delas.

Eliza: Eu agradeço por estar na hora errada no lugar certo. Mais ou menos esse é o sentimento.

Bia Guimarães: Se não fosse pelas coordenadas geográficas, a história da Eliza poderia ter sido muito mais dolorida do ela que foi. Como acaba sendo, mesmo, pra muita gente.

Eliza: Eu senti muita raiva do sistema brasileiro. De pensar que se eu estivesse no Brasil e todas as nossas conterrâneas que estão no Brasil passando por aquela situação – ou passando por qualquer situação em que não se imaginam capazes de serem mães e estão grávidas –, que seria impossível abortar de forma legal, de forma empática.

Bia Guimarães: A Eliza sempre defendeu a descriminalização do aborto pra todas as mulheres, em todos os casos. Mas agora ela tava enxergando tudo de um novo ângulo. Ela tava se vendo dentro da cena.

Ela pensava que, da mesma forma que ela decidiu interromper a gravidez por entender que esse era o melhor caminho pra ela e, acima de tudo, praquele feto que tava na barriga dela, da mesma forma, todos os dias, mulheres decidem fazer um aborto por entenderem que ter um filho – naquele momento, naquele contexto, por qualquer motivo que seja – não vai ser bom nem pra elas nem pra essas crianças que tariam por vir.

[Audiolivro "O acontecimento"]

Bem no momento em que eu estava descendo da maca, com meu grande suéter verde caindo sobre as coxas, o ginecologista me disse que com toda certeza eu estava grávida.

Bia Guimarães: A Annie Ernaux, que é uma escritora francesa, escreveu esse livro chamado "O acontecimento". Você tá ouvindo aqui a versão em áudio dele, lançada pela editora Supersônica em parceria com a editora Fósforo. Quem narra a história é a atriz Isabel Teixeira.

O livro fala de um capítulo da vida da própria Annie. Em 1963, ela tinha 23 anos e descobriu que tava grávida de um cara que ela tinha conhecido poucos meses antes.

[Audiolivro "O acontecimento"]

Voltei a pé pra cidade universitária. Na agenda, consta: "Estou grávida. Que horror."

Bia Guimarães: Ouvir – ou ler – essa história em paralelo com a história da Eliza faz a gente enxergar duas trajetórias que não podiam ser mais diferentes. Mas que se cruzam num ponto-chave.

De um lado a gente tem uma mulher que queria ficar grávida. Que planejou ter um filho junto com o companheiro dela, e que enrolava pra fazer o teste de gravidez com medo de dar negativo.

Do outro lado tem uma jovem, uma estudante universitária, que não tinha nem condições nem desejo de ter um filho naquele momento. Pelo contrário. A última coisa que ela queria ouvir na vida era que aqueles enjoos que ela vinha sentindo eram, na verdade, uma gravidez.

[Audiolivro "O acontecimento"]

Recebi no dia seguinte. Parto de: Senhorita Annie Duchesne. Previsto para: 8 de julho de 1964. Vi o verão, o sol. Rasguei o documento.

Bia Guimarães: Enquanto uma se filmava na frente do espelho, fazendo carinho na barriga, e já começava a imaginar como ia ser aquele bebê, a outra só conseguia pensar em como que ela ia resolver aquele *problema*.

[Audiolivro "O acontecimento"]

Tornou-se uma coisa sem forma que avançava dentro de mim e era preciso destruir a todo custo.

Bia Guimarães: Pra Eliza, o baque foi descobrir o diagnóstico de incompatibilidade com a vida. E entender que a gravidez não ia seguir o curso esperado. Pra Annie, o aborto também era a única solução possível. Mas o baque foi entender, dia após dia, que nem a lei, nem os médicos iam tá do lado dela. Lembrando que isso aconteceu com ela nos anos 60.

[Audiolivro "O acontecimento"]

Eu não tinha saída. Decidira agir sozinha.

Bia Guimarães: A espera das duas até elas finalmente fazerem o procedimento pareceu não ter fim.

A Eliza recebeu os medicamentos necessários e, no momento recomendado, ela foi prum hospital.

A Annie teve que recorrer a uma espécie de clínica clandestina, que na verdade era uma senhora que ia introduzir uma sonda nela pra provocar o aborto.

[Audiolivro "O acontecimento"]

Houve uma dor atroz. Ela dizia: "pare de gritar, querida" e "eu preciso fazer meu trabalho".

Bia Guimarães: As duas passaram pelas dores, pelas contrações até o feto sair. E quando o da Eliza saiu, ela sentiu muita tristeza, mas um alívio também. E quando o feto da Annie saiu, ela também ficou *muito* aliviada. Mas por outro motivo.

[Audiolivro "O acontecimento"]

Eu me sentia salva.

Bia Guimarães: Ela tinha que se preocupar, primeiro, em não morrer. Em não ser deixada pra morrer, na verdade. Depois do aborto, ela tava no quarto dela, no alojamento da universidade, junto com uma colega. E aí ela começou a sangrar sem parar. Ela não queria de jeito nenhum que chamassem um médico. Mas não teve saída.

[Audiolivro "O acontecimento"]

Com a entrada em cena do médico, começa a segunda parte da noite. De experiência pura da vida e da morte, ela se tornou de exposição e julgamento. Eu implorava para que ele não me deixasse morrer. "Olhe para mim! Jure que nunca mais fará isso! Nunca!" Por causa de seus olhos loucos, acreditei que fosse capaz de me deixar morrer se eu não jurasse.

Bia Guimarães: Nesse ponto, a trajetória da Annie não parece com a da Eliza. Mas parece com a de tantas outras mulheres que têm que recorrer a um aborto inseguro. E que, quando e se precisam ir prum hospital por consequência do procedimento, são tratadas como criminosas. E, claro, isso sempre pesa mais pras mulheres que, no geral, já não são tratadas como prioridade, como as mulheres negras e as mulheres pobres.

Eliza: Ninguém me tratou como se eu fosse uma pecadora. Ninguém me apontou o dedo, falou: "você vai matar seu filho". Ao contrário da maioria— de todas as pessoas que eu conversei aqui no Brasil que tiveram que passar por isso. Que tiveram que, além da dor que é, que eu senti e que a gente compartilha, também sofreram julgamentos religiosos, julgamentos morais, muitas vezes da própria classe médica, pela escolha que elas estavam tendo.

Bia Guimarães: Se a Eliza tivesse morando no Brasil quando tudo aconteceu, e se ela tivesse feito um aborto clandestino por falta de opção, talvez ela também tivesse tido que pedir pra não morrer. Porque depois que ela voltou do hospital, ela começou a ter muita febre. Uma febre que não passava por nada.

Eliza: Eu entendi que tinha alguma coisa errada. Eu voltei para o hospital eu tava com número de septicemia. Descobriram que, por conta do mioma que tinha crescido, eu tinha placenta escondida atrás do meu mioma e essa placenta tinha apodrecido.

Bia Guimarães: Disseram que se ela não tivesse ido pro hospital, e se lá eles não tivessem descoberto rápido qual era o problema dela, ela podia ter perdido o útero. Ou até morrido.

Eliza: Vamos supor que eu estivesse no Brasil e tivesse feito um aborto clandestino. Eu me questiono se eu teria tido coragem de chegar no hospital e contado que eu tivesse feito um aborto.

Bia Guimarães: Dava raiva na Eliza imaginar tudo isso.

Primeiro, o fato de existir esse luto que não tem lugar no mundo. Que tá em todo canto, mas não pode ser dito e nem sentido. Que é consolado com "calma que já já você engravida de novo", em vez de "sinto muito".

E segundo, o fato das mulheres serem impedidas de decidir o que fazer com o próprio corpo, o próprio feto, a própria história.

Eliza: E esse sentimento de raiva é como um grito. O meu grito foi falar: "eu vou editar esse filme, eu vou fazer esse filme". E ele vai ser incômodo, não tem como não ser um filme incômodo.

Bia Guimarães: Mais uma vez, a decisão da Eliza foi de continuar filmando. Assim como a decisão da Annie foi de continuar escrevendo.

[O Acontecimento]

Eliminei a única culpa que senti a respeito desse acontecimento – que ele tenha acontecido comigo e que eu não tenha feito nada dele.

Eliza: Eu entendi que tem um monte de mulher que esteve, está e estará nesse lugar. E eu sei que a gente ver imagens, que a gente escutar histórias de pessoas que já estiveram nos nossos lugares de dor ameniza a nossa sensação de dor. Então foi, tipo assim, eu preciso fazer alguma merda com isso que eu estou sentindo. E o que eu me via em condições de fazer era sonhar que a partir da minha dor, outras mulheres se sentiriam acolhidas na própria dor.

Bia Guimarães: A Eliza decidiu transformar essa história num filme. Num documentário diferente de todos os que ela já tinha feito. Porque agora ela ia estar atrás da câmera, mas na frente também.

Eliza: Eu senti que eu precisava. Se eu não fosse capaz de me expor, eu não poderia mais expor ninguém.

Bia Guimarães: Em junho de 2021, quase um ano depois da interrupção da gravidez, a Eliza começou a assistir cada uma das muitas filmagens que ela e o João tinham feito naquele período.

Eliza: E foi muito maluco, assim. Porque eu estava de fato assistindo a minha história. E eu ia buscar editar – literalmente – a minha história, o meu trauma. Meu terapeuta ficou muito orgulhoso, ele falou: "isso aí, vai editar a sua história, vai editar esse luto". Eu encarei a minha

história. Eu me encarei sofrendo. Eu encarei o feto na minha mão. Eu fui encarando essas coisas.

Bia Guimarães: Era um trabalho de seleção e de edição que a Eliza tava acostumada a fazer – mas com registros da vida alheia. Com realidades distantes da dela. E mais pra frente veio a ideia de trazer outras vozes pro documentário.

[Incompatível com a vida]

Eliza: Muito obrigada por receber. Explico um pouco o projeto pra começar?

Entrevistada Isabela: Pode...

Bia Guimarães: Ela foi atrás de mulheres e de casais que passaram pelo diagnóstico de incompatibilidade com a vida aqui no Brasil. De pessoas diferentes, com crenças diferentes, e que enfrentaram a situação de jeitos diferentes – seja por opção ou justamente porque não tiveram opção.

Eliza: Em geral, o filme se cria conflito entre os personagens. E nesse filme tem muito conflito, mas nunca é entre as personagens. É das personagens, contra a realidade, contra o sistema. E em todo o processo de edição, a gente trabalhou muito para, assim, não existe um julgamento do que é certo e do que é errado.

Bia Guimarães: A Eliza conversou com casais que entraram na justiça pra conseguir a autorização prum aborto legal. Conversou com mulheres que levaram a gestação até o fim, com pais e mães que quiseram ver os filhos nascerem e ficar junto deles nem que fosse por um tempinho, no hospital. E mulheres que tiveram que recorrer ao aborto clandestino pra conseguir seguir o caminho que elas acreditavam ser o melhor pra elas e pros fetos que elas levavam na barriga delas – mas essas ficaram de fora do documentário, pra evitar trazer problemas pra elas.

E cada uma das histórias traz novas camadas sobre maneiras de pensar a vida e a gravidez, sobre violência médica, sobre silêncios, julgamentos.

Eliza: Eu decidi interromper a minha gravidez. Isabela e Danilo decidiram passar cada segundo com a filha deles no colo. E cada um tem que ser respeitado. Eu acho que a única coisa que não é respeitada é a violência com a qual o Estado e com a qual esse corpo médico nos trata. Eu nunca consegui ir em rodas de luto. Conversar com essas mulheres durante a pesquisa acabou sendo a minha roda de luto. Porque eu escutava as histórias delas e me assistia nessas histórias delas. Em alguns momentos eu dividia a minha. Então foi um

processo muito de cura para mim, e para elas, eu sinto. Porque muitas também estavam contando pela primeira vez essas histórias.

Bia Guimarães: O documentário ganhou o nome de "Incompatível com a vida". Em alguns momentos as histórias que tão ali andam em paralelo. Em outros, elas se cruzam, ou se distanciam. Ou vazam uma pra outra.

[Incompatível com a vida]

Eliza: E o que vocês fizeram como casal pra se fortalecer? Porque eu sinto que é isso, né. Ou os casais se fortalecem muito ou não seguram a onda juntos.

Entrevistada Shuane: Posso ser um pouquinho a entrevistadora e perguntar uma coisa a você? Seu casamento acabou depois disso, mas por isso? Ou já vinha em vias de...

Eliza: Cara... eu acho... o que eu sinto é que foi por isso, assim... Porque a gente conversava sobre ter filhos há um tempo... E a gente engravidou um mês depois do pai dele morrer. Então ele tava vivendo o luto do pai. E aí quando eu acho que ele tava assimilando, veio a notícia que ele não ia ser pai. E quando passou aquela primeira depressão, ele falou: "cara, eu não sei se eu vou querer ser pai. E eu não quero te travar mais". E eu com 41 anos, sabe...

Bia Guimarães: A Eliza e o João se separaram mais ou menos um ano depois da interrupção da gravidez.

[Incompatível com a vida]

Eliza: Seja feliz, bichinho.

Bia Guimarães: Mas eles continuam amigos.

Eliza: E o filme nos ajudou muito a construir uma relação muito... De muito amor, de muito respeito entre nós, assim.

Bia Guimarães: Em agosto de 2022, a Eliza tava de passagem por Lisboa e convidou o João pra assistir uma versão preliminar do documentário.

Eliza: E aí a gente foi assistir junto o corte, né, porque eu queria sempre que ele acompanhasse, que ele se sentisse muito confortável em como ele aparece. É muita exposição, né. E enfim, eu já tinha visto 1 milhão de vezes aquele corte, então acabei meio o corte, tipo "e aí, o que é que achou?" Quando eu olhei, ele estava chorando. Ele estava desmontado. Eu falei: "cara, calma, ele acabou de reviver isso tudo". E isso foi muito forte, porque ele contou como, ao ver os outros homens que estão no filme, ele conseguiu se entender. Entender os próprios sentimentos de outra forma.

João: Não mudou a forma como eu sentia, mas mudou a forma como eu acho que não estava sozinho a sentir isso. E isso é muito bonito. Isso é muito bonito. Porque eu vejo outros homens a falarem das suas próprias experiências... Afinal, não sou só eu, há outras pessoas que se sentem assim. E isto nós homens, né, que não estávamos a carregar o feto, nem com os hormônios todos aos saltos, enfim. Portanto, só posso imaginar o que é para uma mulher ver este filme. Uma mulher que tenha passado por algo parecido...

Bia Guimarães: Por um lado, a Eliza tava orgulhosa e ansiosa pra colocar esse filme no mundo. Por outro, ela tava morrendo de medo.

Eliza: Será que eu estou viajando? Eu estou pegando, tipo, eu, chorando, gritando dentro do chuveiro, e estou fazendo isso uma cena de um filme. Tipo, eu vou morrer e essa imagem vai continuar. E essa imagem que eu já tinha esquecido ela vai começar a fazer parte do imaginário imagético de pessoas que nem me conhecem. Eu fiquei muito tensa se eu estava viajando. "Pra que que eu fiz esse filme?", e ao mesmo tempo eu falava: "calma, você sabe por que você fez esse filme".

Bia Guimarães: Quando o documentário estreou, em 2023, essas perguntas finalmente se aquietaram na cabeça dela.

Eliza: E aí quando o filme acabou, veio um silêncio. Eu vi que as pessoas não se movimentavam. Quando eu levantei e olhei, as pessoas estavam muito emocionadas. E tinha como se fosse um cortejo, assim. As pessoas, elas foram parando na lateral do cinema, eu fui passando no corredor, eu fui recebendo cada abraço.

Bia Guimarães: Quase todas as entrevistadas e entrevistados do filme tavam lá, na plateia.

Eliza: Foi uma coisa muito bonita, porque por um lado eu sentia que era o funeral que eu não tive, era o funeral que a maioria daquelas mulheres que estavam ali na tela, que a gente não teve, que a gente estava tendo esse lugar simbólico de despedida. Então eu recebi abraços de conforto, de "sinto muito", de... eu recebi abraços como diretora. E eu dei abraços.

Bia Guimarães: Algumas pessoas desconhecidas foram falar pra Eliza que sabiam de pessoas próximas que tinham vivido aquilo. E que agora elas entendiam melhor aquele luto. Outras pessoas foram falar que elas mesmas tinham passado por histórias parecidas. E que nunca tinham contado pra ninguém.

Mais de cinquenta anos atrás, em 1971, trezentas e quarenta e três mulheres francesas resolveram contar pra alguém – contar pra todo mundo, na verdade – que em algum momento da vida delas, elas tinham feito um aborto. Elas assinaram um manifesto público declarando que elas, assim como um milhão de francesas por ano, naquela época, tinham escolhido interromper uma gravidez.

As 343 mulheres logo ganharam um apelido, na imprensa popular: “as 343 vadias”. Até hoje, o manifesto é conhecido assim. Mas ele não serviu só pra elas serem escrachadas em praça pública. Ele serviu para dar um pontapé na agenda legislativa, e ajudou a pavimentar a legalização do aborto no país em 1975 – onze anos depois do aborto da escritora Annie Ernaux.

Nos anos 80, e de novo nos anos 90, dezenas de brasileiras também romperam o silêncio e falaram que elas também tinham tomado essa decisão. Entre elas, tinha quem tivesse recebido um diagnóstico de incompatibilidade com a vida, e tinha quem simplesmente não quisesse ter filho naquele momento.

Muitas vezes, essas decisões – e essas mulheres – são colocadas como sendo muito diferentes. Quem queria ter um filho e não conseguiu, e quem não queria ficar grávida e ficou. Mas todas são questões não de moral, mas de saúde pública. E todas elas sofrem com o silêncio. Seja o silêncio do medo, seja o silêncio que se pretende caridoso, decoroso – mas que pode doer ainda mais.

Esse silêncio faz a gente pensar que esse tipo de coisa sempre acontece com o outro – nunca com quem a gente ama, e nunca com a gente. Até que a realidade vem bater na porta.

A Eliza tem 44 anos agora. Ela não conseguiu engravidar de novo. E ela acha que, se ela não tivesse tomado aquela decisão lá atrás, de começar aquela espécie de álbum de recordações, de continuar apertando o REC mesmo quando a situação virou prum lado que ela não esperava, de assistir e editar as cenas da vida dela, e depois de colocar o filme no mundo, que talvez ela não tivesse conseguido processar essa história – e que talvez não tivesse conseguido encarar aquele abismo – do jeito que ela conseguiu fazer.

Branca Vianna: Essa foi a Bia Guimarães, produtora sênior da Rádio Novelo. O documentário "Incompatível com a vida" tá disponível na plataforma Mubi. Obrigada por escutar mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

No post desse episódio no nosso site, tem imagens do filme da Eliza e o link do livro da Annie Ernaux. Lá no site a gente também tem uma seção chamada “envie uma pauta”, caso você queira sugerir uma história pra gente contar aqui no podcast. E se você quiser receber um lembrete no seu e-mail toda vez que tiver episódio novo no ar, e de quebra ainda ficar sabendo dos livros, filmes e afins que a nossa equipe anda curtindo, aproveita pra assinar a nossa newsletter.

Você já sabe, mas não custa lembrar que os episódios do Rádio Novelo Apresenta tão disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

Se você for recomendar ou comentar sobre algum episódio nosso nas redes sociais, marca a gente. Nosso perfil é @radionovelo, tanto no Twitter como no Instagram.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

Nesse episódio, a gente usou música original do Pedro Nêgo, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.